

Memória, história e sujeito: substratos da identidade*

Lucilia de Almeida Neves**

INTRODUÇÃO

PARA EDUARDO GALEANO (1991), a memória é o melhor porto de partida para navegantes com desejo de vento e profundidade. De fato, na busca de construção da identidade, os sujeitos individuais e sociais mergulham na profundidade de suas histórias, em uma dinâmica que pode apresentar um caráter espontâneo ou direcionado.

Considerando-se a evocação do passado como substrato da memória, pode-se deduzir que, em sua relação com a História, a memória constitui-se como forma de preservação e retenção do tempo, salvando-o do esquecimento e da perda. Portanto, História e memória, por meio de uma inter-relação dinâmica, são suportes das identidades individuais e coletivas.

Quando se emprega a metodologia da História Oral, um projeto previamente elaborado por historiadores orienta o processo de rememorar e relembrar sujeitos históricos, ou mesmo de testemunhas da história vivida por uma coletividade. Desta forma, os depoimentos coletados tendem a demonstrar que a memória pode ser identificada como processo de construção e reconstrução de lembranças nas condições do tempo presente. Em decorrência, o ato de relembrar insere-se nas possibilidades múltiplas de elaboração das representações e de reafirmação das identidades construídas na dinâmica da história. Portanto, a memória passa a se constituir como fundamento da identidade, referindo-se aos comportamentos e mentalidades coletivas, uma vez que o relembrar individual – especialmente aquele orientado por uma perspectiva histórica – relaciona-se à inserção social e histórica de cada depoente.

* Este texto foi apresentado na Mesa-redonda “História Oral e as tramas da subjetividade” realizada no III Encontro Regional Sudeste de História Oral, Mariana, 12 a 14 de maio de 1999.

** Professora da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

A produção de documentos orais tem um duplo embasamento: o ofício do historiador e a memória individual dos depoentes. Como metodologia que busca captar o passado, a História Oral constitui-se como espaço vivificador da relação entre a História, a memória e a identidade, pois, como afirma Saul Sosnowski (1994, p. 15) “o ato de recordar incita à reflexão permanente do ser na História”. Desta forma, História e memória, enredadas na trama da reconstituição temporal, contribuem para aguçar a consciência dos sujeitos históricos de pertencimento ou de não-pertencimento a organizações, grupos, instituições, países...

Na dinâmica da produção de documentos orais, a questão da identidade adquire, portanto, uma dimensão especial, traduzida pelo reconhecimento das semelhanças e das diferenças, por meio do afloramento de lembranças e da construção das representações sobre o passado. Portanto, memória e História, presentes na produção de fontes orais, são também processos cognitivos, através dos quais a identidade de sujeitos históricos pode ser mais bem reconhecida e analisada como integrante da trama constitutiva da História.

MEMÓRIA E HISTÓRIA: DINÂMICA DE UMA RELAÇÃO

Na antiga Grécia, a memória tinha uma função considerada prioritária: conferir imortalidade ao ser humano, integrá-lo ao tempo através da história, fazendo do passado o suporte do presente. Em decorrência, a memória era considerada como possibilidade de atualização do passado. Além disso, tinha a função de registrar o presente, evitando-se que o esquecimento se impusesse no futuro.

A deusa Mnemosyne, uma das divindades alegóricas amadas por Júpiter, tinha a função prioritária de fazer do que passou tanto o sedimento do presente, como o esteio do futuro. Uma de suas filhas, Clio, que representava a História, trazia em si a seiva da eternidade; em outras palavras, constituía-se como antídoto do esquecimento.

No mundo contemporâneo, muito se tem escrito e discutido sobre a capacidade humana de lembrar e rememorar. Entre os diferentes tipos de memória já identificados por filósofos e historiadores, cabe destacar a *memória social ou histórica* que, de acordo com Marilena Chauí, é fixada por uma sociedade através de mitos fundadores, de relatos, registros, depoimentos, testemunhos (Chauí, 1995, p. 129). Para o historiador, esse tipo de memória, que se constitui como processo social ativo, é essencial tanto do ponto de vista da produção de novas fontes, como na perspectiva de preservação da documentação já existente. Compreendendo a função social da memória histórica como sendo a de suporte da identidade coletiva, ao historiador cabe estimular e contribuir para que as condições de registro deste tipo de memória possam se efetivar de forma permanente.

Desta forma, o profissional da História, ao dedicar-se à produção de fontes orais e ao engajar-se na defesa da preservação documental e do patrimônio cultural, investe no que podemos denominar memória estimulada. Por meio deste trabalho, retira da memória seu caráter espontâneo, transformando-a em fonte de produção intelectual. Neste sentido, ao se referir tanto ao ofício do historiador, como às atribuições dos lugares da memória – museus, arquivos, coleções... – Pierre Nora afirma que não existe memória espontânea e que a necessidade dos homens de alimentarem a história com os resquícios do passado e de construir e manterem os referidos lugares da memória traduzem a busca, pelo ser humano, da eternidade e da identidade social (Nora, 1993).

A História, como produção de conhecimento, não só induz ao afloramento de lembranças registradas pela memória, como procura, por meio de um tratamento acadêmico racional, ordenar os vestígios, relacionando-os à trama de reconstituição do processo histórico em todas as dimensões que lhe são peculiares. Desta forma, é lícito considerar-se a produção historiográfica como um segmento específico da memória coletiva. Um segmento caracterizado por utilização de metodologias apropriadas à produção do conhecimento, à recuperação de informações sobre o passado e à realização de análises e interpretações sobre esse mesmo passado.

Portanto, não é incorreto identificar o historiador como um produtor de memórias, como um artífice do reordenamento do passado, segundo as expectativas e indagações do presente. A História, afirma Guarinello, é uma produção intelectual e científica do saber, que disciplina a memória, tira-lhe a espontaneidade, mas, simultaneamente, enriquece as representações possíveis da própria memória coletiva (Guarinello, 1994, p. 181).

É possível, então estabelecer-se duas possíveis formas de relação da história com a memória. Na primeira, a história pode ser identificada como alimento da memória e, simultaneamente, a memória pode ser tomada como uma das fontes de informação para a construção do saber histórico. Na segunda, a História assume uma dimensão específica de cultura erudita, voltada para produção de evidências e, portanto, assume uma função destrutiva da memória espontânea.

No primeiro caso, pode-se inferir que a História, por ser fertilizadora da memória, acaba por contribuir para que a sociedade encontre, através da própria História, subsídios necessários ao processo inerente ao ser humano de busca de identidade. Trata-se, neste caso, das chamadas identidades sociais dos mais variados matizes e tipos: nacionais, raciais, familiares, religiosas, partidárias, culturais, ideológicas. Nesta dinâmica interrelacional, a História acaba por adquirir uma dimensão pluralista, que reconhece o homem como um sujeito duplamente ativo: construtor do próprio processo histórico e do saber crítico sobre a dinâmica da história.

No segundo caso, ressaltam-se mais os aspectos contraditórios da relação memória e História, destacando-se o fato de ser a tradição histórica um elemento regulador da memória e destruidor de sua espontaneidade. A História assume dimensões de exercício de poder, sendo até mesmo capaz de produzir memórias oficiais e memórias dirigidas.

Na verdade, a oposição entre memória e História não chega a ser real. O que existe são atribuições diferentes, mas complementares entre cada uma delas, sendo que a necessidade de construção da identidade as aproxima, tornando fértil sua relação.

É a busca de construção e reconhecimento da identidade que motiva os homens a debruçarem-se sobre o passado em busca dos marcos temporais ou espaciais que se constituem nas referências reais das lembranças. Na verdade, para recordar e para se analisarem os processos históricos, é necessário ativar-se a construção de signos que se constituem como elementos peculiares do reavivamento mental do passado. Os lugares da memória, então, podem ser considerados esteios da identidade social, monumentos que têm, por assim dizer, a função de evitar que o presente se transforme em um processo contínuo, desprendido do passado e descomprometido com o futuro. O mesmo se pode dizer da metodologia da História Oral, que, sendo uma produção intelectual orientada para a produção de testemunhos históricos, contribui para evitar o esquecimento e para registrar múltiplas visões sobre o que passou. Além de contribuir para a construção/reconstrução da identidade histórica, a história oral empreende um esforço voltado para possibilitar o afloramento da pluralidade de visões inerentes à vida coletiva.

Uma das maiores potencialidades da metodologia da História Oral refere-se ao seu caráter heterogêneo e essencialmente dinâmico de captação do que passou, segundo a visão de diferentes depoentes. Trata-se de uma operação bastante complexa de produção de documento, que envolve, simultaneamente, intersubjetividades e busca de construção de evidências históricas. O esforço do historiador, quando utiliza a metodologia da história oral é, no mínimo, duplo: deve voltar-se tanto para o estímulo ao afloramento aberto e dialético do ato de rememorar do depoente, quanto para a realização de uma operação intelectual que demanda crítica e análise, especialmente na fase de preparação dos roteiros das entrevistas e na de análise e interpretação do documento produzido. O estímulo à expressão da pluralidade, relacionada ao esforço de recuperação das referências constitutivas da identidade, pode ser tomado como elemento essencial do processo metodológico de construção de fontes orais.

A memória contém inúmeras potencialidades, que podem, em muito, enriquecer o processo de reconstrução e análise das inúmeras variáveis constitutivas da dinâmica da História. Entre elas, destacam-se: reacender utopias de um tempo anterior; reconstruir ou reconstituir a atmosfera de um outro tempo; representar diferentes

correntes de pensamento; reativar emoções políticas, individuais, coletivas; rememorar convivências e conflitos ocorridos na dinâmica da história.

Na verdade, as potencialidades da metodologia da História Oral, que tem na memória a principal fonte informativa, são infindáveis, permitindo ao historiador, a seu critério, adotar abordagens históricas de características diferentes, com ênfase, por exemplo, no institucional ou no privado, no público ou no particular, na visão individual ou na visão coletiva. Independentemente de qualquer uma das opções, a questão da reconstrução da identidade ganha dimensão especial, pois a memória e a História, especialmente quando inter-relacionadas, constituem-se fundamento, em substrato identificador do tecido social.

IDENTIDADE COLETIVA, MEMÓRIA E HISTÓRIA

Memória e História são processos sociais, são construções dos próprios homens – que têm como referências as experiências individuais e coletivas inscritas nos quadros da vida em sociedade. Desta forma, “a memória, como substrato da identidade, refere-se aos comportamentos e às mentalidades coletivas, na medida em que o relembrar individual encontra-se relacionado à inserção histórica de cada indivíduo” (Neves, 1998, p. 1.527). Portanto, as motivações exteriores, como no caso da História Oral, inúmeras vezes desencadeiam o processo de reordenação, de releitura de vestígios e de reconstrução da identidade histórica.

Neste sentido, a memória, ao constituir-se como fonte informativa para a História, constitui-se também como base da identidade, por meio de um processo dinâmico, dialético e potencialmente renovável, que contém as marcas do passado e as indagações e necessidades do tempo presente.

O homem é um ser permanentemente em busca de si mesmo, de suas referências, de seus laços identificadores. A identidade, além de seus aspectos estritamente individuais, apresenta uma dimensão coletiva, que se refere à integração do homem como sujeito do processo de construção da História. A História, como processo, é compartilhamento de experiências, mesmo que inúmeras vezes sob a forma de conflitos. A memória, por sua vez, como um dos fatores presentes no resgate da história compartilhada, é esteio da identidade.

Mas a identidade é, também, um processo através do qual o reconhecimento das similitudes e a afirmação das diferenças situam o sujeito histórico em relação aos grupos sociais que o cercam. A metodologia da História Oral, por sua vez, é um procedimento que em muito contribui para que tais similitudes e diferenças sejam reveladas ou afirmadas, constituindo-se, portanto, num esteio seguro para a afirmação da identidade sócio-histórica.

O mundo moderno, dominado pelo presente contínuo, vive um processo de desenraizamento. A memória perde sua função de compartilhamento de múltiplos tempos. À História, como processo cognitivo, cabe recuperar os lastros dessa dinâmica temporal, fazendo do próprio homem sujeito reconhecedor de sua identidade, através de sua integração na trama sincrônica da vida em coletividade.

O ser humano tem múltiplas raízes: familiares, étnicas, regionais, nacionais, religiosas, partidárias, ideológicas... Sua vida é uma totalidade, na qual entrecruzamentos diversos conformam a dinâmica do viver. Dessa forma, a memória e a História são, cada uma a seu modo, registros desta pluralidade, ao mesmo tempo em que são, também, antídotos do esquecimento. A História, como procedimento epistemológico, fornece conceitos, símbolos e métodos para que o homem, como sujeito social, pense a si mesmo, em uma relação que faz o caminho do presente para o passado. Portanto, em muito contribui para construção das representações da memória coletiva e da própria representação da identidade, em seu caráter paradoxalmente plural e também definidor do que lhe é específico, peculiar.

Para Portelli, a História Oral, que é um dentre os muitos procedimentos metodológicos de construção do conhecimento histórico, “tende a representar a realidade não tanto como um tabuleiro em que todos os quadrados são iguais, mas como um mosaico ou colcha de retalhos, em que os pedaços são diferentes, porém formam um todo depois de reunidos” (Portelli, 1991, p. 16). Faz parte dos procedimentos metodológicos que lhe são próprios reconhecer a importância de cada indivíduo/depoente em si mesmo e em sua relação com a sociedade na qual está ou esteve integrado. Cada pessoa é componente específico de um amálgama maior que é a coletividade. Portanto, cada depoente fornece informações e versões sobre si próprio e sobre o mundo no qual vive ou viveu. A história oral, em decorrência, é a arte do indivíduo, mas de um indivíduo socialmente integrado. Desta forma, os relatos e testemunhos contêm em si um amálgama maior: o da identidade histórica.

Quanto a esta questão, cabe uma análise sobre as potencialidades da metodologia da História Oral frente à dinâmica da construção/reconstrução de identidades. Isto porque algumas características peculiares à própria História Oral definem por si mesmas sua abrangência e seus limites. Entre elas, destacam-se as seguintes:

- a História Oral refere-se especificamente ao tempo presente, portanto à história contemporânea. Pode, no máximo, recolher registros, informações e versões sobre o acontecido em um espaço limitado de tempo, não comportando referências a um passado mais longínquo, a não ser como notícias ou registros de tradições transmitidas de geração a geração;

- o testemunho oral, como afirmam Amado e Ferreira, conforma o núcleo da investigação (Ferreira, 1996, p. XIV). E, como representa o diálogo entre entrevistado e entrevistador, acaba inevitavelmente, registrando informações pertinentes às

preocupações de, no mínimo, dois sujeitos diferentes. O espaço da história oral é, então, por sua natureza, o espaço da intersubjetividade e, portanto, do diálogo de diferentes identidades;

- a História Oral possibilita o afloramento de múltiplas versões da história e, portanto, potencializa o registro de diferentes testemunhos sobre o passado, contribuindo para a construção da consciência histórica individual e coletiva.

Portanto, as potencialidades da metodologia da História Oral são inúmeras, mas seus limites também são efetivos. Permeada por interlocuções diversas, supõe um trabalho prolongado que passa por inúmeras etapas, desde a pesquisa para preparação dos roteiros das entrevistas, passando por sua realização, por seu processamento e por sua análise. Enfim, através deste procedimento rigoroso de diálogo entre o historiador e o depoente, é possível produzir-se documentos que registram o que foi, como foi, o que deixou de ser e o que potencialmente pode vir a ser, tanto do ponto de vista individual como na perspectiva social e política.

Em suma, os historiadores são movidos por um imperativo ético que os motiva a contribuir para o impedimento de que a memória histórica se desvaneça e de que as identidades se percam no fluir inexorável do presente contínuo. Ao dedicarem-se à tarefa de fazer afluir o passado por meio de diferentes versões e de analisá-lo da maneira mais consistente possível, estão vinculando a razão histórica à memória. Em última instância, buscam cumprir uma função social de especial relevância: fazer do saber histórico tanto fundamento do conhecimento do passado, como da projeção do futuro e, além disso, empenhar-se para impedir que o consumo diuturno do esquecimento e da perda da identidade se constitua no signo maior da modernidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CHAUÍ, M. *Convite à Filosofia*. São Paulo: Ática, 1995.
- FERREIRA, M. M. & AMADO, J. *Usos e Abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: FGV, 1996.
- GALEANO, E. *O Livro dos Abraços*. Porto Alegre: LPM, 1991.
- GUARINELLO, N. Memória coletiva e história científica. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, (28), p.181, 1994.
- NEVES, L. de A. A voz dos militantes: o ideal de solidariedade como fundamento da identidade comunista. In: Xth International Oral History Conference. Proceedings vol 3. Rio de Janeiro: CPDOC, FIOCRUZ, 1998.
- NORA, P. Entre a memória e a história. A problemática dos lugares. In: *Projeto História*_(10), 1993. São Paulo: PUC.

PORTELLI, A. Tentando aprender um Pouquinho. Algumas Reflexões sobre Ética na História Oral. In: *Projeto História* (15), 1997. São Paulo: PUC.

SONOWSKI, S. Contra os consumidores do esquecimento. In: SONOWISKI, S & SCHWARTZ, J. *Brasil: o trânsito da Memória*. São Paulo: Edusp, 1994.

(Recebido para publicação em maio de 1999)